

ISSN – 0553-8467

# PESQUISAS

---

ANTROPOLOGIA, Nº 58

ANO 2002

## CASAS SUBTERRÂNEAS NAS TERRAS ALTAS DO SUL DO BRASIL

PEDRO IGNÁCIO SCHMITZ  
Editor

---

Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS  
São Leopoldo – Rua Brasil, 725 – Rio Grande do Sul - Brasil

---

**INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS – UNISINOS**

Rua Brasil, 725 – 93010-030 São Leopoldo, RS – BRASIL

Caixa Postal 275

E-mail: anchieta@helios.unisinos.br

**Diretor:** Pedro Ignácio Schmitz

**PESQUISAS**

**PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL**

**Diretor:** Pedro Ignácio Schmitz, S.J.

**Comissão Editorial**

Artur Rabuske, S.J. – Coordenador de História

Josef Hauser, S.J. – Coordenador para Zoologia

Josafá Carlos de Siqueira, S.J. – Coordenador para Botânica

Pedro Ignácio Schmitz, S.J. – Coordenador de Antropologia

**Conselho Editorial**

Rafael Carbonell De Masi, S.J.

Beatriz Vasconcelos Franzen

Maria Gabriela Martin Avila

Ana Luisa Vietti Bitencourt

Bartomeu Melià

Albano Backes

Paulo Günter Windisch

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos trabalhos assinados.

A publicação de colaborações espontâneas depende da Comissão Editorial.

Pesquisas aparece em 3 secções independentes: Antropologia, História, Botânica.

PESQUISAS publishes original scientific contributions in current western languages.

The autor is responsible for his (her) undersigned contribution.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactional staff.

Pesquisas is divided into 3 independent series: Anthropology, History, Botany.

---

Pesquisas / Instituto Anchietano de Pesquisas. – (2002). São Leopoldo: Unisinos, 2002.

175p. (Antropologia; n. 58)

ISSN: 0553-8467

---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Pesquisas, Antropologia está indexada em *Ulrich's International Periodicals Directory* e CLASE, entre outras indexadoras.

# CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÉ-HISTÓRIA DO PLANALTO: ESTUDO DA VARIABILIDADE DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE PINHAL DA SERRA, RS

*Sílvia Moehlecke Copé<sup>1</sup>*  
*João Darcy de Moura Saldanha*  
*Mariana Petry Cabral*

## Introdução

Contratados para realizar o resgate arqueológico no canteiro de obras da UHE Barra Grande da margem esquerda do rio Pelotas, localizado no município de Pinhal da Serra no Estado do Rio Grande do Sul, iniciamos os trabalhos em outubro de 2001 e prevemos finalizar a análise laboratorial do material coletado em dezembro do corrente ano. O canteiro de obras no lado gaúcho corresponde aproximadamente a 450 hectares e foram resgatados dez sítios líticos superficiais e registradas dezoito ocorrências discretas (Copé, 2001 e 2002).

Nas idas e vindas entre o canteiro de obras e o nosso alojamento na sede do município de Pinhal da Serra, percebemos a existência de sítios arqueológicos ao longo da estrada. A empresa devidamente avisada e encarregada de, junto com a prefeitura, ampliar a estrada e asfaltá-la, contratou-nos para realizar o levantamento arqueológico. Através do percurso a pé do trajeto de 11 Km da estrada, localizamos nove sítios arqueológicos que seriam afetados pela retificação e pavimentação da estrada: dois sítios constituídos de conjuntos de estruturas escavadas, um sítio lito-cerâmico superficial, três sítios líticos superficiais e mais um sítio lito-cerâmico próximo de duas estruturas circulares, assim como outros mais distantes que foram devidamente registrados porém não sofreram nenhuma intervenção (Figura 01).

Os projetos de resgate arqueológico no lado gaúcho do canteiro de obras e de levantamento e salvamento de sítios arqueológicos ao longo da via de acesso entre Pinhal da Serra e as obras da Usina Hidrelétrica de Barra Grande resultaram em uma intensa coleta de dados sobre variados tipos de sítios arqueológi-

cos, permitindo uma ampla visualização da ocupação humana da área em diferentes períodos. A variabilidade dos sítios arqueológicos encontrados (tanto de forma quanto de conteúdo) tornou-se o principal problema dos projetos, o que, aliado a uma preocupação anterior da equipe em compreender o sistema de assentamento de grupos ceramistas no planalto, levou à discussão das propostas anteriores sobre a ocupação pré-colonial da região, resultando em algumas contribuições que serão aqui apresentadas.

Tais contribuições referem-se a lacunas deixadas por pesquisas anteriores no que tange à identificação da natureza e função dos sítios arqueológicos, seja pela falta de trabalhos sistemáticos, seja pelo modelo teórico utilizado tradicionalmente, que entendia a variabilidade de sítios como resultado da sucessão de diferentes culturas em uma mesma área ou ainda o resultado da evolução de uma mesma cultura no tempo. É nesse sentido, por exemplo que, *a priori*, os sítios líticos acabaram muitas vezes definidos como pertencentes a grupos pré-cerâmicos.

Desta forma, o presente artigo pretende, a partir dos trabalhos arqueológicos realizados no lado gaúcho da UHE Barra Grande, discutir algumas problemáticas relacionadas a assentamentos característicos do planalto, bem como apresentar novas propostas para o entendimento da ocupação pré-colonial na região.

## **A área em investigação**

A área abrangida pelo trabalho de resgate localiza-se no atual município de Pinhal da Serra, distrito recentemente emancipado de Esmeralda. O município de Pinhal da Serra limita-se ao norte com o município de Anita Garibaldi no Estado de Santa Catarina, ao sul com o município de Lagoa Vermelha, ao leste com o município de Esmeralda e a oeste com o município de Barracão.

Quanto às suas características ambientais, a área pesquisada situa-se no nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, nos chamados Campos de Cima da Serra. Os municípios de Pinhal da Serra e Esmeralda pertencem à região geomorfológica do Planalto das Araucárias, que corresponde à porção mais oriental do Domínio Morfoestrutural das Bacias e Coberturas Sedimentares que abrange trechos do Estado do Rio Grande do Sul e a porção sul do Estado de Santa Catarina.

Os principais rios que atravessam o Planalto das Araucárias são o rio Pelotas (formador do rio Uruguai e limite político entre os Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina), rio Taquari e seu formador rio das Antas, rio Caí e rio dos Sinos, todos eles em seus alto e médio cursos. Afora o rio Pelotas, todos os outros referidos pertencem à bacia de drenagem do rio Jacuí. A região pesquisada está junto ao rio Pelotas e no divisor de águas com o rio das Antas.

No norte do município de Pinhal da Serra encontramos uma formação de Campos do tipo Parque, que ocorre em altitudes superiores a 1000 metros e, dentre as diversas espécies arbóreas, destaca-se o pinheiro brasileiro encontra-

do isolado ou em grupos, bem como junto a capões e florestas de galeria. A área contemplada por este projeto abriga também as Florestas Ombrófilas Mistas, divididas nas formações Montana e Alto-montana. A formação Montana ocorre em altitudes que variam entre 400 a 1000 metros e a formação Alto-montana ocorre em altitudes superiores a 1000 metros. Esta formação é encontrada na divisa entre os municípios de Pinhal da Serra e Anita Garibaldi (Estado de Santa Catarina).

Em 1984, o arqueólogo P. A. Mentz Ribeiro e sua equipe e os pesquisadores Arno Alvarez Kern, José Otávio Catafesto de Souza e Fernando Seffner realizaram pesquisas arqueológicas no vale do rio Pelotas, na área que seria inundada pelo reservatório da planejada Usina Hidroelétrica de Barra Grande. A pesquisa foi realizada na margem esquerda do rio Pelotas, desde os limites dos municípios de Vacaria com Bom Jesus até os de Vacaria com Esmeralda. Foram selecionadas para prospecção quatro zonas ao longo do rio e de seus afluentes da margem esquerda.

No município de Esmeralda (naquela ocasião, Pinhal da Serra era um distrito de Esmeralda) foram localizados setenta e sete (77) sítios arqueológicos sendo vinte e sete (27) em campo aberto, trinta e nove (39) conjuntos de casas subterrâneas totalizando 135 estruturas, três (3) estruturas sobre a superfície, três (3) galerias subterrâneas, dois (2) abrigos sob rocha e três (3) cavernas. As dimensões da maioria das estruturas estavam entre 6 a 10 metros de diâmetro, variando entre uma até 23 estruturas por sítio. A maior estrutura subterrânea encontrada possui dimensões de 19,60 x 22,10 metros. Foram realizadas seis datações pelo método de Carbono 14 em quatro estruturas que resultaram em datas de  $355 \pm 50$  e  $650 \pm 55$  anos AP. Foram definidas três tradições culturais a partir da análise do material cerâmico e lítico, sendo vinte e quatro (24) sítios pertencentes à tradição ceramista Taquara, dois (2) sítios à tradição Humaitá e um (1) sítio à tradição Umbu (Mentz Ribeiro e Ribeiro, 1985).

Nos municípios de Vacaria e Bom Jesus, a equipe de Kern levantou quinze (15) sítios arqueológicos, sendo a sua maioria encontrada fora da área de inundação. A pesquisa desenvolvida evidenciou a existência de quatro tipos de sítios diferentes, aparentemente pertencentes à mesma cultura: conjunto de estruturas subterrâneas que se poderiam considerar aldeias, grandes habitações ou estruturas isoladas, sítios a céu aberto do tipo sítio-acampamento e sítios para obtenção de matéria-prima (Kern et al, 1989:111).

Os resultados das pesquisas de Kern e outros foram publicados em dois momentos na Revista Veritas (nº 34 e 35), em março e julho de 1989.

## Os sítios arqueológicos

Durante os trabalhos de resgate na UHE Barra Grande, além dos sítios na área diretamente atingida pelas obras, localizamos outros 31 sítios arqueológicos. Estes se referem a 20 conjuntos de estruturas escavadas (conhecidas na literatura arqueológica como "casas subterrâneas") e cinco sítios com estruturas

circulares em relevo, além de dois sítios lito-cerâmicos e quatro sítios líticos superficiais. Na arqueologia da região, estes tipos de sítios encontrados são bem conhecidos, sendo em geral atribuídos a uma mesma cultura arqueológica (exceção feita aos sítios líticos), mesmo assim, eles nunca foram trabalhados e compreendidos como integrantes de um mesmo sistema de assentamento, ou seja, a forma como estão relacionados ainda não é clara.

Da observação quanto à variabilidade dos sítios na área e quanto às lacunas na compreensão de um sistema de assentamento que relacionassem os tipos de sítios presentes, surgiu o interesse em trabalhar esta diversidade buscando inter-relacioná-la. Para tanto, trabalhamos com a hipótese que todos os sítios arqueológicos presentes na área são resultado de um único sistema de assentamento, no qual a heterogeneidade na distribuição do material e na forma dos sítios refletiria uma pluralidade de atividades e funções.

Para iniciar esta discussão e com o objetivo de mostrar a variabilidade de sítios, apresentaremos os quatro tipos de sítios arqueológicos identificados na área: sítios líticos superficiais, sítios lito-cerâmicos superficiais, sítios de conjuntos de estruturas escavadas no solo e sítios com estruturas circulares em alto-relevo. Elegemos apresentar separadamente os trabalhos realizados em um sítio de cada tipo, sua problemática específica, descrever os primeiros resultados obtidos para, posteriormente, expormos nosso entendimento dos diferentes sítios como partes dependentes de um mesmo sistema de assentamento.

### **Sítios líticos superficiais**

Logo no início do resgate dos sítios arqueológicos presentes na área do canteiro de obras da UHE Barra Grande, destacava-se a alta frequência de sítios líticos com as peças características da chamada tradição Humaitá. Esta primeira área trabalhada encontra-se em relevo bastante acidentado nas encostas próximas ao Rio Pelotas e nenhum sítio cerâmico foi encontrado. Nos trabalhos de campo já era possível identificar uma certa homogeneidade entre os sítios líticos, seja pelo tipo de material presente (muitos instrumentos e menor quantidade de lascas), seja pela inserção na paisagem (em geral sobre afloramentos rochosos e em declive acentuado).

Esta baixa variabilidade dos sítios líticos no canteiro de obras, somada à posterior identificação de sítios lito-cerâmicos onde os fósseis-guias da tradição Humaitá e da tradição Taquara estavam associados, acabou por levantar o questionamento sobre a validade de utilizarmos o conceito de tradição Humaitá, nesta região, como indicador da presença de grupos caçadores-coletores não-produtores de cerâmica. A hipótese então levantada foi a de que estes sítios líticos não representam uma outra ocupação humana no planalto anterior àquela que deu origem às estruturas escavadas, mas sim que tais locais seriam áreas de atividades específicas dos grupos ceramistas.

Dos 10 sítios líticos superficiais resgatados dentro do canteiro de obras da UHE Barra Grande, destacamos o sítio RS-PS-10 (denominado inicialmente Área 93), já que este apresentou maior quantidade de peças.

Este sítio fica dentro da área de preservação anexa ao canteiro de obras, bem próximo ao topo do morro, com boa visualização do entorno, em local de declividade média, distante 300 m de uma nascente d'água. Após a retirada da camada vegetal para uso como leiva pela empreiteira, o material arqueológico aflorou no solo em uma área de aproximadamente 400 m X 150 m, o equivalente à 60 mil metros quadrados. Em vários locais, afloramentos naturais de basalto estavam aparentes. (Figura 02)

Apesar das enormes proporções, a concentração do material arqueológico era baixa. Mesmo com percorrimto sistemático de toda a área e coleta de todos os vestígios em superfície, ao todo a coleção soma 274 peças.

A partir dos dados obtidos através da análise tecno-tipológica da coleção, buscamos delinear possíveis funcionalidades para o sítio, seguindo a discussão proposta por Andrefsky (1998:189 e ss). Este autor relaciona a função dos assentamentos com a diversidade das coleções, onde sítios de atividades específicas teriam baixa diversidade, opondo-se a sítios habitação onde a maior quantidade nos tipos de atividades realizadas resultaria em coleções líticas bastante diversificadas.

Do total da coleção do sítio RS-PS-10, 93,86 % refere-se a debitage (lascas, fragmentos, núcleos) e 14% a instrumentos. Destes instrumentos, contabilizando tanto aqueles produzidos sobre lasca quanto os produzidos sobre núcleo, foi possível identificar quatro tipos gerais: raspadores, talhadores bifaciais, talhadores unifaciais e instrumentos não padronizados, refletindo portanto uma baixa diversidade. Além disso, o grau de investimento técnico na confecção dos artefatos, visualizado através do estágio de redução das peças é baixo: 72% dos artefatos encontram-se no primeiro estágio de produção, ou seja, não possuem as margens laterais completamente trabalhadas, evidenciando o uso expediente dos instrumentos.

A própria debitage nos leva a acreditar na pouca pluralidade de atividades no sítio, pois a maior parte das lascas evidencia os estágios finais do lascamento: considerando os dados relativos à superfície dorsal das lascas, 78% possuem menos da metade desta superfície com córtex, e 80% delas possuem duas ou mais cicatrizes de lascamentos anteriores à sua retirada.

É interessante destacar que o material do RS-PS-10 difere dos demais sítios líticos por nós resgatados na região em dois pontos: a quantidade de material (a maioria dos demais sítios têm no máximo 50 peças) e a alta representatividade de vestígios de debitage. Tais características, consideradas *a priori*, seriam as mais propícias para a identificação de sítio de múltipla funcionalidade, como os sítios de habitação. No entanto, como mostrado acima, a análise do material não corrobora esta idéia, pelo contrário, parece indicar um local de atividades específicas.

Foi por isso que escolhemos o RS-PS-10 como exemplo diagnóstico e extremo dos sítios líticos superficiais resgatados na região, ou seja, sítios com baixa diversidade artefactual e que se assemelham pelo tipo de instrumentos presentes. Em geral, são as mesmas formas de talhadores e raspadores, produzidos em basalto e de grandes proporções.

Desta forma, se estes sítios líticos superficiais fossem considerados como um único sistema de assentamento (e não parte de um sistema mais amplo), sua compreensão seria bastante limitada, já que o próprio conceito de sistema de assentamento acarreta diversidade de sítios. É por isso que acreditamos que estes sítios líticos não representam ocupações de caçadores-coletores não ceramistas, mas sim áreas de atividades específicas de grupos ceramistas ligados às estruturas escavadas, instalados preferencialmente mais distantes dos grandes vales de rios.

### **Sítios lito-cerâmicos superficiais**

Outro tipo de sítio arqueológico com que nos deparamos durante os trabalhos de salvamento foram os sítios lito-cerâmicos superficiais com cerâmica característica das estruturas escavadas (casas subterrâneas). Estes sempre foram mencionados na bibliografia tradicional como reflexo de uma dualidade sazonal de habitações, onde teríamos as estruturas subterrâneas como residências para o período do outono e inverno, enquanto os sítios de superfície seriam acampamentos utilizados durante o verão. Embora seja uma hipótese plausível, cremos que tal explicação não dê conta de explicar todos os sítios de superfície. Além disso, como salientado anteriormente, tais sítios superficiais nunca foram objeto de estudos sistemáticos na área do planalto gaúcho, impedindo a identificação de sua natureza e função no sistema de assentamento da área. Descreveremos os trabalhos realizados no sítio RS-PS-11 (denominado Sítio da Pedreira).

O sítio RS-PS-12 constitui-se numa grande mancha circular de terra preta com material lítico e cerâmico em superfície. Ele possui uma área de 1.780 m<sup>2</sup> e aparentemente não relaciona-se diretamente a nenhum conjunto de estruturas escavadas (o conjunto mais próximo localiza-se a 500 metros de distância).

A fim de avaliarmos como se distribuem os artefatos no sítio, bem como elaborarmos um mapa de densidades das peças para selecionarmos as áreas para escavação, realizamos uma coleta sistemática no local. Para tanto, estendemos uma malha em toda área oeste do sítio, em quadras de 5 X 5 metros. Dentro desta malha foram coletadas todas as evidências dentro de sub-quadras de 2,5 X 2,5 metros. Com esta coleta foi possível identificar duas áreas de concentração: uma a leste, possuindo uma disposição circular, que coincide com um local onde a mancha preta torna-se mais escura; outra área a oeste, junto ao limite do sítio. Estas duas áreas foram selecionadas para intervenção no subsolo.

No local junto ao limite oeste do sítio, não se notou mancha escura de terra, o que nos fez acreditar que esta concentração de material foi causada pelo arado, que arrastou os artefatos de sua posição original. Neste local delimitamos outra



área de 5 X 5 metros para abertura de quadrículas em área ampla a fim de confirmar se esta deposição é realmente pós-deposicional. Nestas quadrículas, o material arqueológico estava mais escasso abaixo do nível do solo, confirmando ser esta área de deposição secundária, decorrente de processos pós-deposicionais relacionados às atividades agrícolas. (Figura 03)

Junto à área de concentração leste delimitamos inicialmente uma área de 10 X 5 metros para escavação. A fim de maximizar a área a ser escavada, as quadrículas abertas dentro da quadra foram escolhidas como um tabuleiro de xadrez. As quadrículas foram ainda subdivididas em sub-quadrículas de 50 X 50 cm de forma a poder relacionar espacialmente artefatos que só foram percebidos na peneira e não puderam ser plotados nas fichas de quadrícula.

Nesta área de concentração foi possível observar em sub superfície uma grande densidade de artefatos, além de localizarmos uma micro estrutura de fogueira, formada por lascas procedentes de espatifamento térmico e blocos de rocha dispostos em círculo e que se aprofundam na camada estéril.

A estratigrafia do sítio, observada nas quadrículas escavadas na concentração leste, compreende uma primeira camada, marrom escura e areno-argilosa, contendo fragmentos de cerâmica, principalmente concentrados entre 5 e 10 cm de profundidade, e algumas peças líticas, como lascas unipolares de basalto e calcedônia. Poucos grânulos de carvão vegetal foram notados. Esta camada aprofunda-se até 12 cm de profundidade, sendo seguida por uma segunda, marrom alaranjada e argilo-arenosa, contendo alguns poucos artefatos líticos, nela inseridos por ação do arado.

Através da observação do plano de escavação, que mostra a distribuição dos artefatos no espaço escavado, é possível vislumbrar o piso de uma antiga cabana pré-histórica, delimitado por uma maior concentração de artefatos grandes, formando um semi círculo ao redor da fogueira identificada. Entre o semi círculo de artefatos e a fogueira observamos a existência de artefatos de menores dimensões (lítico e cerâmica). Estamos inclinados a interpretar esta maior concentração de artefatos como proveniente da limpeza da área central da estrutura. Tal processo de limpeza e posterior acúmulo de detritos em áreas periféricas de estruturas domésticas já foi documentado em casos arqueológicos no Sul do Brasil (Schmitz et al, 1993), e em inúmeros casos etnográficos (Binford, 1983; Carr, 1991; Stevenson, 1991; Oconnell, 1979 entre outros). Partindo do plano de escavação podemos sugerir um modelo da estrutura: pela ausência de indícios de atividade ao sul da fogueira; esta estaria junto à entrada da estrutura. O telhado seria construído com madeirames dispostos radialmente e coberto com palha. Ao redor da fogueira se desenvolveriam as atividades domésticas, o que explica o estado fragmentado dos artefatos no entorno imediato. O detrito doméstico iria se acumulando junto das paredes da estrutura, na área onde o telhado impediria o tráfego de pessoas, explicando a presença de grandes fragmentos cerâmicos neste local.

A partir de tais observações, podemos identificar o sítio RS-PS-11 como exercendo uma função doméstica no sistema de assentamento na área. Entre-

tanto, sua relação com outros tipos de estruturas domésticas conhecidas (o caso das estruturas escavadas), ainda merece ser melhor investigado.

### **Estruturas escavadas**

A possibilidade da retificação da estrada afetar três estruturas do sítio RS-PS-11 (também denominada Leopoldo 5 e Sítio 1), exigiu a escavação das mesmas. O sítio RS-PS-11 constitui-se de um conjunto de 8 estruturas escavadas no solo, sendo duas geminadas.

A metodologia empregada em campo foi a extensão de uma malha de quadriculamento suspensa que abrangesse as estruturas que seriam escavadas e, com auxílio de um nível topográfico, foram tomadas medidas de altura de todas as quadriculas instaladas sobre o sítio, registrando sua situação antes da intervenção arqueológica. A escavação processou-se por níveis naturais, sendo cada evidência encontrada plotada individualmente e tomadas suas medidas tridimensionais no sítio.

Do conjunto de oito estruturas, escavamos aquelas que poderiam sofrer impactos, a Estrutura A, a Estrutura B e a Estrutura C (Figura 04). A estratigrafia das estruturas B e C é semelhante e apresenta cinco camadas: desconsiderando a camada húmida de 5 cm, a primeira camada, de 5 a 30 cm, apresenta-se areno-argilosa, de coloração marrom clara e com algumas concentrações de carvão que, por sua forma e disposição, não deixam dúvidas de serem provenientes de queimadas recentes. Aos 30 cm de profundidade encontramos uma segunda camada sem alteração substancial de cor (marrom alaranjada) mas com mudança da textura arenosa para argilosa, onde notamos um piso de ocupação formado por algumas peças líticas lascadas (bifaces, lascas unipolares, unifaces) e blocos térmicos. Só foi possível identificá-la porque todas as peças encontravam-se depositadas em posição horizontal sobre a camada, em um mesmo nível nas quadriculas. Através das quadriculas abertas localizamos a parede original, construída no basalto avermelhado em decomposição.

Aos 45 cm, chegamos a uma nova camada (Camada 3), constituída de sedimento argiloso misturado com basalto em decomposição avermelhado. Pelas características desta camada 3, contendo muito basalto vermelho, acreditamos que ela é derivada do entulhamento após um abandono da estrutura. Neste caso, estando a parede original de basalto vermelho exposta às intempéries, a chuva e o vento devem ter desgastado a parede exposta, carregando seu sedimento até misturá-lo com os sedimentos do entulhamento natural da estrutura.

Aos 90 cm, encontramos a Camada 4 constituída de sedimento argiloso e apresentando muitos artefatos característicos da primeira ocupação humana das estruturas. No centro das estruturas foi observado um aprofundamento. Ao que tudo indica é um piso moldado na argila. Ultrapassada a camada argilosa, encontramos a camada 5 que apresenta um sedimento friável, granuloso e, em meio a ele, foram encontrados aglomerados de rochas, formando uma espécie de con-

trapiso. Abaixo da Camada 5 e próximo à parede original das estruturas foi possível encontrar o piso original em basalto decomposto.

O alagamento sucessivo das estruturas após chuvas torrenciais, permitiu-nos entender a natureza desta camada friável e granulosa depositada sobre o piso original das estruturas B e C. Ao que tudo indica ela formava uma camada que, depositada sobre o piso original da estrutura, isolava o piso da invasão d'água de vertentes que se formavam em períodos de chuva intensa. As características da camada 5 se prestariam bem a isto: friável, arenosa de granulação grossa e com blocos, ela permite mais facilmente que a água escorra e retorne ao lençol freático, não se acumulando e nem umedecendo o piso de ocupação.

Portanto verificamos que as estruturas subterrâneas foram ocupadas em dois momentos: a primeira ocupação e portanto mais antiga, apresenta um rebaixamento do piso no centro, onde foram constatadas densas lentes de carvão, formando estruturas de combustão cercadas por rochas. Ao redor destas estruturas foram encontradas concentrações de artefatos líticos, além de muitas termóforas. Apenas 3 fragmentos cerâmicos de uma mesma vasilha foram encontrados nesta primeira ocupação, junto à fogueira na estrutura B. A estrutura C forneceu apenas artefatos líticos.

Segunda ocupação (re-ocupação), mais recente, apresenta micro estruturas como o rebaixamento central e, na estrutura B, foi identificado um conjunto de rochas dispostas em círculo, exatamente no centro da estrutura, que interpretamos como sendo fixadores do esteio central que suportava o telhado da estrutura original. A reocupação das estruturas apresentou uma abundância de artefatos líticos (instrumentos e debitage), mas poucos fragmentos cerâmicos (1 na estrutura C e 3 na estrutura B). Não foi verificada a existência de micro estruturas de combustão, apenas muitas termóforas no interior das estruturas.

Foi aberta uma quadrícula fora da estrutura B, junto à sua borda leste, na qual observamos que a camada húmica estava diretamente depositada sobre o afloramento de basalto, sem outras camadas intermediárias. O afloramento foi evidenciado entre profundidades de 5 a 15 cm, sendo sua superfície bastante irregular. Foram encontrados 15 artefatos líticos produzidos sobre basalto e sobre calcedônia, todos sobre o afloramento rochoso.

No entorno das estruturas foram coletadas peças líticas encontradas em superfície em área contígua ao sítio RS-PS-11. O local é uma meia encosta a sudoeste das estruturas escavadas, sendo então denominado "Área de atividade SW". Estava coberto por campo sujo, próximo a uma antiga estrada abandonada e à construção recente de um pequeno açude, que não chegaram a atingir o local de ocorrência das peças. Todo o material aflorando do solo foi coletado, sendo plotado individualmente com auxílio de nível topográfico.

Também foram realizados poços teste no exterior das casas entre o sítio e a estrada. Dos quatro poços teste abertos apenas um deles, distante 5 metros da estrutura H, forneceu 5 fragmentos de cerâmica (derivados de 2 vasilhas) e dois artefatos líticos. Os outros, mais distantes das estruturas, não forneceram material.

Ao sul das estruturas realizamos mais dois poços teste e um deles forneceu apenas dois artefatos líticos, enquanto o outro nada apresentou.

### **Sítios com estruturas circulares em alto relevo**

Outra problemática levantada pelas pesquisas na UHE Barra Grande diz respeito às estruturas circulares em relevo. No entorno das áreas trabalhadas foram localizados cinco locais com tais tipos de construções e um local específico foi objeto de estudo.

Como já destacado, a primeira preocupação nos trabalhos neste tipo de sítios foi a identificação da função. Tais estruturas já foram trabalhadas por Rohr (1971), Chmyz (1968b), Menghin (1956) e Mentz Ribeiro & Ribeiro (1985), mas estes trabalhos resumiram-se a intervenções em espaços restritos, geralmente poços teste no centro ou nos aterros das estruturas. Não houve a preocupação em testar a variabilidade dos artefatos arqueológicos nos espaços internos e externos, limitando a interpretação deste tipo de sítio. As principais funções apontadas são a de sítios cerimoniais ou sítios de habitação protegidos por uma paliçada porém a carência de trabalhos sistemáticos impossibilita a confirmação de uma ou outra hipótese. Apresentaremos os trabalhos realizados no sítio RS-PS-21 (denominado Leopoldo 7).

O sítio denominado RS-PS-21 consiste numa área de concentração de artefatos líticos e cerâmicos em superfície, com cerca de 1.400 m<sup>2</sup>, associada a duas estruturas circulares em alto relevo que medem 20 e 15 metros de diâmetro máximo, respectivamente. Elas estão em uma área de relevo plano, logo antes de uma escarpa do morro, o que proporciona uma vista panorâmica privilegiada a partir das estruturas (Figura 05).

A primeira etapa do trabalho consistiu na coleta sistemática com uma malha de quadriculamento de 5 m X 5 m. A opção por uma coleta em quadras de 5 m X 5 m deu-se tanto pela densidade do material arqueológico (o que tornaria o método de plotagem individual com nível topográfico bastante lento) quanto pela possibilidade de mapear com mais agilidade áreas de maior densidade de material (o que permite uma escolha mais precisa de local para teste de sub-superfície). Dentro de cada quadra, as peças foram coletadas em sub-quadras de 2,5 m X 2,5 m, permitindo um controle mais detalhado da dispersão dos vestígios. Dada a boa visibilidade do solo, não foi preciso fazer nenhum trabalho prévio de limpeza da vegetação. Foram encontrados fragmentos cerâmicos em estágio avançado de desagregação (evidenciando uma queima de má qualidade), muitas bolotas de argila queimadas e roletes (demonstrando que houve a produção de cerâmica no local), além de instrumentos líticos.

A malha foi estendida para outras áreas do sítio, totalizando 55 quadras coletadas sistematicamente. A partir desta coleta foi possível identificar uma área com maior densidade de fragmentos cerâmicos, e nesta foi realizado um corte estratigráfico de 1 m X 1 m a fim de testar a presença de material arqueológico em sub superfície.

A escavação evidenciou uma camada estratigráfica homogênea até os 10 cm, de cor marrom clara e textura areno-argilosa, com presença de alguns grânulos de carvão e notadamente remexida pelo arado. Foram encontrados apenas dois cacos cerâmicos e dois artefatos líticos, indicando uma baixa densidade de artefatos na sub superfície. Abaixo dos 10 cm, foi encontrada a camada natural procedente do basalto decomposto e estéril. O poço-teste alcançou 20 cm de profundidade.

Apesar dos vestígios cerâmicos e líticos serem abundantes, a inexistência de uma camada arqueológica ou manchas pretas sugere que não havia estruturas residenciais neste local (de fato, existe um sítio com estruturas escavadas a 200 metros dali), ou seja, que as atividades ali evidenciadas pelos vestígios arqueológicos estão ligadas às estruturas circulares, que distam 20 metros desta área de concentração.

Após esta coleta de superfície procedemos à escavação de uma das estruturas circulares, denominada estrutura A. Foram demarcadas 20 quadrículas, de 1 m x 1 m, formando uma trincheira no sentido Norte/Sul cortando o montículo, o interior da estrutura, o aterro circular externo e a área externa, a fim de verificar-mos como se deu sua construção e que atividades ocorriam nela.

A partir da trincheira demarcada anteriormente, foram abertas primeiramente as quadrículas que correspondem à área interna da estrutura. Nos primeiros 5 cm escavados nas quadrículas internas, principalmente na camada húmica, foram encontrados muitos fragmentos de carvão que, por suas formas e disposições, são raízes queimadas, possivelmente resultantes da derrubada e queima da mata ocorridas na abertura das frentes de colonização branca durante o século XX. Abaixo da camada húmica, até os 10 cm, segue uma camada marrom escura com pouco carvão. Apenas uma quadrícula forneceu material arqueológico: 3 cacos cerâmicos de uma mesma vasilha, encontrados exatamente no contato entre a primeira camada abaixo da camada húmica e uma segunda, marrom clara, derivada do basalto decomposto.

Também foi aberta uma quadrícula externa à estrutura, a 1 m do fim do aterro circular. Também nesta nada foi encontrado, sendo sua estratigrafia similar àquela no interior da estrutura.

Nas quadrículas sobre o centro do montículo foi possível delimitar uma micro-estrutura complexa, aos 45 cm de profundidade, delimitada ao sul e ao norte por aglomerados de concreções avermelhadas e escuras, possuindo no centro muitos fragmentos de ossos pequenos, alguns deles bastante calcinados, além de duas fogueiras, contendo no seu interior também ossos misturados (alguns carvões recolhidos das fogueiras podem ser ossos queimados). Esta micro estrutura estende-se a leste e oeste. Foi delimitada a fogueira contendo muitos ossos (um deles foi identificado como uma vértebra humana). Os ossos encontram-se bastante remexidos, em meio à fogueira, estando bastante friáveis. Em volta da fogueira foi notada uma concreção escura que julgávamos ser um basalto em decomposição. Ao decaparmos totalmente a fogueira notamos que esta concreção

era na verdade o sedimento calcinado pela fogueira, indicando que esta atingiu uma temperatura muito alta.

A escavação do sítio RS-PS-21 trouxe muitas contribuições para a compreensão das estruturas circulares em alto relevo. A primeira delas refere-se à própria interpretação da estrutura: o montículo central certamente foi utilizado para encerrar os restos de fogueiras onde foi realizada a cremação de ossos, ligando a estrutura com uma função funerária. O espaço interno e imediatamente externo da estrutura circular foi mantido limpo, pois há poucas evidências de atividades ocorridas nestes locais (as evidências resumem-se a fragmentos de duas vasilhas cerâmicas). As atividades ligadas às estruturas parecem ter se desenvolvido num local um pouco afastado (cerca de 20 metros), onde foi localizada a concentração de artefatos em superfície. Estas atividades parecem ter sido o consumo e a transformação de alimentos (evidenciados pelas vasilhas cerâmicas e os artefatos líticos), bem como a produção de cerâmica (evidenciada pela presença de bolotas de argila queimada), atividades que já foram evidenciadas em outro contexto funerário ligado à estes grupos (Saldanha, 2001).

## Considerações Finais

Com o intuito de buscar o(s) sistema(s) de assentamento no planalto sul-rio-grandense, valemo-nos da abordagem da análise espacial e escolhemos focar nossa atenção na interpretação da variabilidade nas distribuições dos sítios arqueológicos. A natureza do problema do porque as populações pré-coloniais e coloniais ocuparam estes e não outros espaços pode ser elucidado através da análise de três aspectos críticos: variabilidade formal dos sítios, variabilidade na locação temporal dos sítios e variabilidade na distribuição espacial dos sítios. Através do nosso trabalho conseguimos mostrar a variabilidade formal dos sítios localizados em Pinhal da Serra destacando a existência de sítios de atividades específicas como os sítios líticos e as estruturas circulares em alto relevo. Nos próximos passos, nos concentraremos na discussão sobre a contemporaneidade dos diversos tipos de sítios e na identificação de um padrão de distribuição espacial, seja no espaço natural quanto no social.

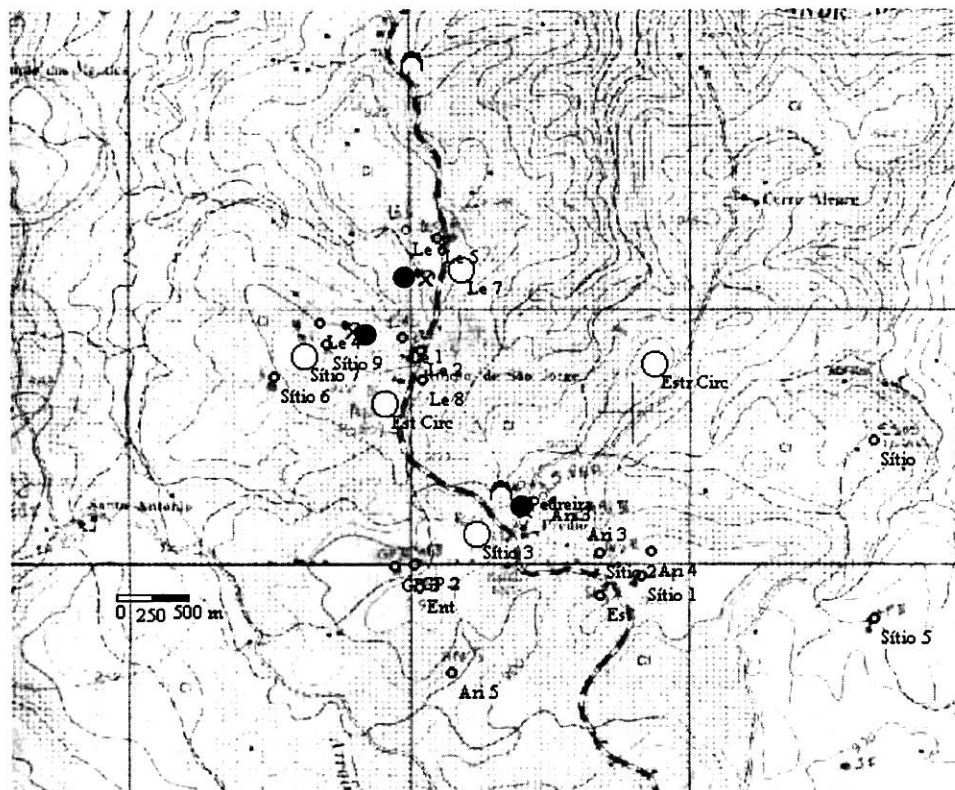
## Referências Bibliográficas

- ANDREFSKI, W.. 1998. *Lithics: Macroscopic Approaches to Analysis*. Cambridge University Press, Cambridge.
- BINFORD, L. R. 1983. *In Pursuit of the Past: Decoding the archaeological Record*. Thames and Hudson, New York.
- CARR, C. 1991. Left in the Dust: Contextual Information in Model-Focused Archaeology, In KROLL and PRICE, 1991. *The Interpretation of Archaeological Spatial Patterning*, Plenum Press, New York and London.

- CHMYZ, J. 1968. Considerações sobre duas novas tradições ceramistas arqueológicas no estado do Paraná. *Pesquisas, Antropologia* 18: 115-125. IAP, São Leopoldo.
- COPÉ, S. M. 2001 e 2002. 1º, 2º, 3º, 4º *Relatório Parcial dos trabalhos de campo e laboratório realizados no canteiro de obras da UHE Barra Grande, margem esquerda do rio Pelotas, RS*. NUPArq/UFRGS, IPHAN, Porto Alegre.
- KERN, A. A. et al. 1989. Arqueologia de Salvamento e a Ocupação Pré-histórica do Vale do Rio Pelotas. *Veritas*, V. 35: 99-127. Porto Alegre.
- MENGHIN, O. 1956. El Poblamiento Prehistorico de Misiones. *Anales de Arqueologia Y Etnologia*, tomo XII: 19-40. Mendoza.
- O'CONNELL, J. 1979. *Site Structures and Dynamics among Modern Alyawara Hunters*. Annual Meetings of the Society for American Archaeology, Vancouver.
- MENTZ RIBEIRO, P.A. & RIBEIRO, C.T., 1985. Levantamento Arqueológico no Município de Esmeralda, RS. *Revista do CEPA*, v.12: 49-105. Santa Cruz do Sul.
- ROHR, J.A. 1971. Os sítios Arqueológicos do Planalto Catarinense. *Pesquisas, Antropologia* 24, IAP, São Leopoldo.
- SALDANHA, J.D.M. 2001. A Cerâmica Arqueológica de Um Abrigo Funerário Relacionado à Tradição Taquara: o Sítio RS-A-8, Bom Jesus, RS, *Caderno da Resumos do XI encontro da SAB*, Rio de Janeiro.
- SCHMITZ, P. I. et al. 1993. Escavações Arqueológicas do Padre João Alfredo Rohr, SJ: o Sítio da Praia das Laranjeiras II: uma Aldeia da tradição ceramista Itararé. *Pesquisas, Antropologia* 49, IAP, São Leopoldo
- STEVENSON, M. G., 1991, Beyond the Formation of Hearth-associated Artifact Assemblages. In KROLL and PRICE, 1991. *The interpretation of Archaeological Spatial Patterning*. Plenum Press, New York and London.

## UHE BARRA GRANDE

Salvamento dos sítios arqueológicos afetados pela duplicação da estrada UHE Barra Grande-Pinhal da Serra, RS



### LEGENDA

- Estruturas subterrâneas
- Sítios a céu aberto
- Estruturas circulares
- Bota-foras
- Pedreiras

Figura 01: distribuição dos sítios arqueológicos, áreas de pedreiras e bota-foras.





Figura 02: planta plano-altimétrica UHE Barra Grande - RS-PS-10.

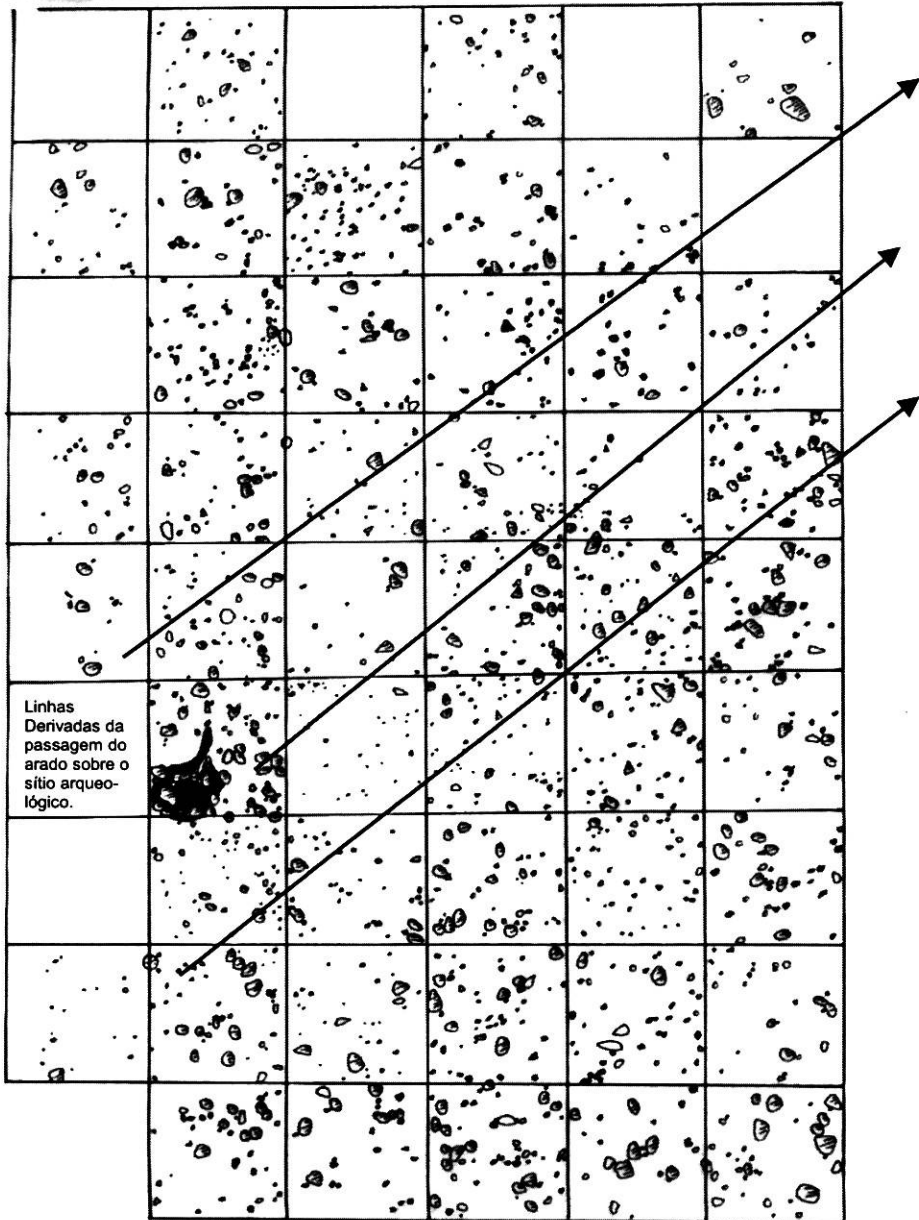


Figura 03: Planta baixa UHE Barra Grande RS-PS-12

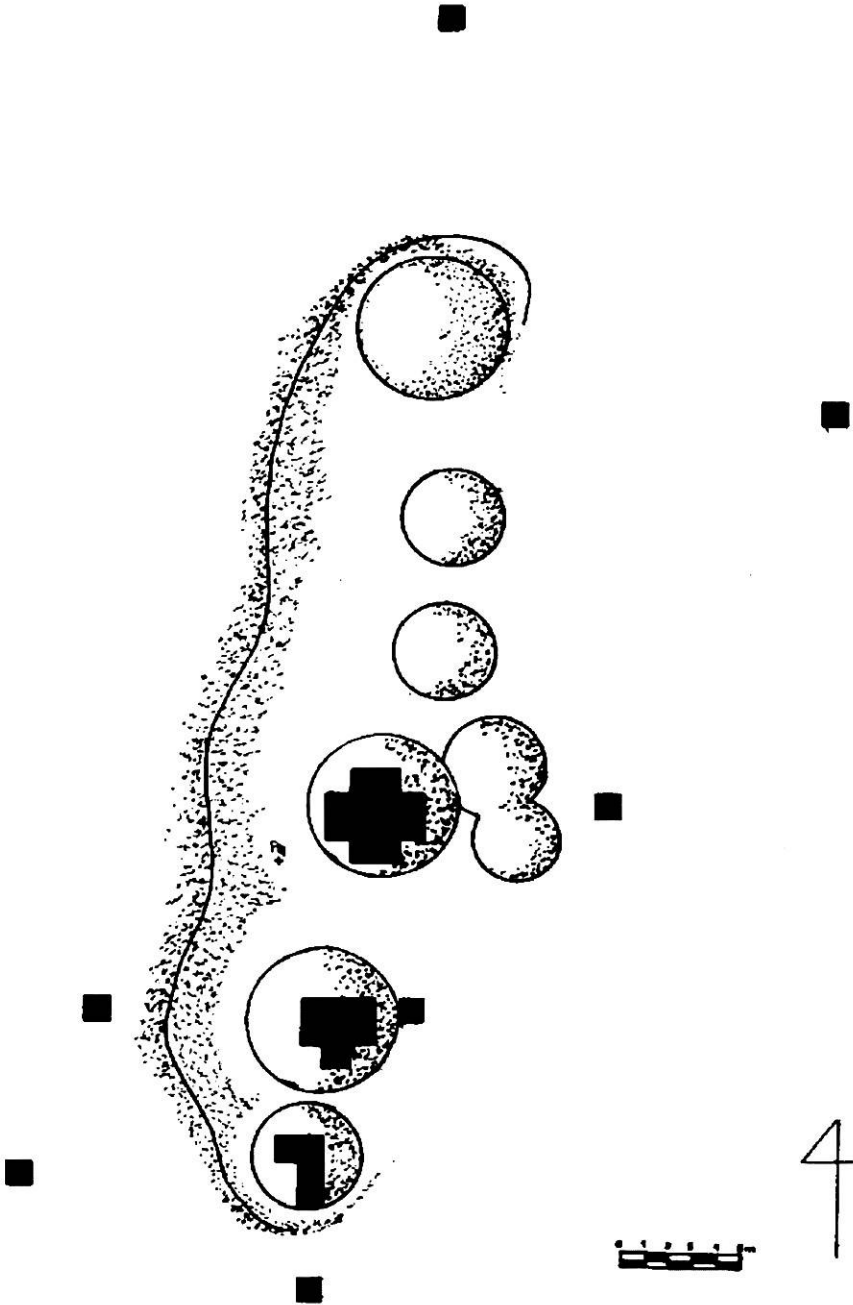


Figura 04: planta baixa UHE Barra Grande RS-PS-11.

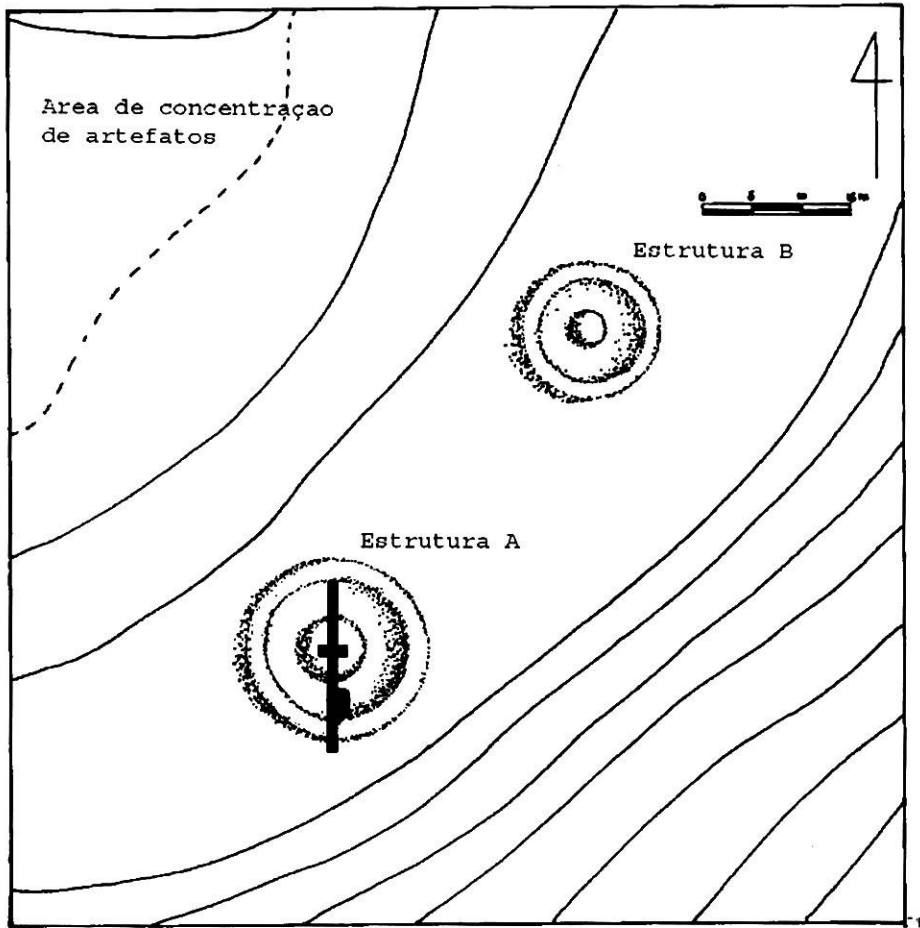


Figura 05: planta plano-altimétrica UHE Barra Grande - RS-PS-21.

# PESQUISAS

## Publicações de Antropologia

1. **Um Paradeiro Guarani no Alto Urugual.** Pedro Ignácio Schmitz. Pesquisas 1, 1957, p.122-142. *Esgotado - xerox.*
2. **Os Iranche, Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo.** José de Moura. Pesquisas 1, 1957, p.143-180, anexo p.293-295. *Esgotado - xerox.*
3. **Paradeiros Guaranis em Osório (Rio Grande do Sul) -** Pedro Ignácio Schmitz. Pesquisas 2, 1958, p.113-143. *Esgotado - xerox.*
4. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina.** Pe. João Alfredo Rohr. Pesquisas 3, 1959, p.199-266. *Esgotada - xerox.*
5. **A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea.** Ignácio Schmitz. Pesquisas 3, 1959, p.267-324. *Esgotado - xerox.*
6. **Schmuckgegenstände aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien -** Guilherme Tiburtius. Pesquisas, 1960, Antropologia nº 6, 60p.
7. **Objetos Zoomorfos do Litoral de S. Catarina e Paraná -** Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella. Pesquisas 1960, Antropologia nº 7, 51p., 13 tab.
8. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, II -** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1960, Antropologia nº 8, 32p., 5 fig. 1 mapa.
9. **Juan del Oso en los Tuztlas.** J. Hasler Pesquisas 1960, Antropologia nº 9, 17p.
10. **Os Munkü, 2ª contribuição ao estudo da tribo Iranche.** José de Moura. Pesquisas 1960, Antropologia nº 10, 59p.
11. **Wildschweinhauer als Werkgeräte, aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien.** Guilherme Tiburtius. Pesquisas 1961, Antropologia nº 11, 28p., 5 Abb.
12. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, e Notícias Prévias Sobre Sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, II.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1961, Antropologia nº 12, 18p., 12 fig.
13. **Notícias de uma Indústria Lítica no Planalto Paranaense.** Igor Chmyz. Pesquisas 1962, Antropologia nº 13, 19p., 7 fig.
14. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do Litoral Sul-Catarinense, IV (1961).** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1962, Antropologia nº14, 27p., 10 fig.
15. **Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina: I. Exploração sistemática do sítio de Praia de Tapera. II. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1966, Antropologia nº 15, 61p., 1 mapa, 4 pranchas.
16. **Arqueologia no Rio Grande do Sul.** Pedro Ignácio Schmitz. e outros. Pesquisas 1967, Antropologia nº 16, 58p., 5 fig., 6 pranchas.
17. **O Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner, SC VI 13.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1967, Antropologia nº 17, 24p., 7 fig. fora do texto.
18. **Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata.** Pesquisas 1968, Antropologia nº 18, 190p., 1 tabela, 9 pranchas fora do texto.
19. **Petroglifos da Ilha de Santa Catarina e Ilhas adjacentes.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1969, Antropologia nº 19, 30p., 15 fig., 1 foto.
20. **Anais do III Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências.** Pesquisas 1969, Antropologia nº 20, 216p., 30 pp. de ilustrações.
21. **Sugestões para uma tipologia lítica para o Interior do Sul do Brasil.** Tom O. Miller, Jr. Pesquisas 1969, Antropologia nº 21, 48p., 18 fig. fora do texto.
22. **Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1969, Antropologia nº 22, 37p., 1 mapa, 2 fig., 2 pr. fora do texto.
23. **Arqueologia do Vale do Rio Pardinho (comparações com material proveniente do Alto Jacuí), 1ª parte.** Pedro Ignácio Schmitz e outros. Pesquisas 1970, Antropologia nº 23, 54p., 12 pranchas, 2 tábuas fora do texto.
24. **Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense.** João Alfredo Rohr. Pesquisas 1971, Antropologia nº 24, 56p., 12 fig., 4 pr. fora do texto.
25. **Os Espíritos Maus dos Nanbikuara e Quinze Lendas dos Rikbaktsa.** Pe. Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1973, Antropologia nº25 48p.
26. **A morte e a outra vida dos Nanbikuara. Lendas dos Índios Nanbikuara.** Pe. Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1974, Antropologia nº 26, 54p.
27. **Lendas dos Índios Irânxe.** Pe. Adalberto H. Pereira. Pesquisas 1974, Antrop. nº 27, 84p.
28. **História dos Munkü (Irânxe).** Pe. Adalberto Holanda Pereira e Pe. José de Moura e Silva. Pesquisas 1976, Antropologia nº 28, 40p.
29. **O Índio Kaingáng no Rio Grande do Sul.** Ítala Irene Basile Becker. Pesquisas 1976, Antropologia nº 29, 264p.
30. **Sítios de Petroglifos nos Projetos Alto-Tocantins e Alto-Araguaia, Goiás.** Pedro Ignácio Schmitz, Sílvia Moehlecke, Altair Sales Barbosa. Pesquisas 1979, Antropologia nº 30, 73p.
31. **Estudos de arqueologia e pré-história brasileira em memória de Alfredo Teodoro Rusins.** Pedro Ignácio Schmitz (Ed.). Pesquisas 1980, Antropologia nº 31, 249p.
32. **Contribuciones a la prehistoria de Brasil.** Pedro Ignácio Schmitz. Pesquisas 1981, Antropologia nº 32, 243p.

33. **Arqueologia do Centro-Sul de Goiás. Uma fronteira de horticultores indígenas no Centro do Brasil.** Pedro Ignácio Schmitz, Irmhild Wüst, Sílvia Moehlecke Copé, Úrsula Madalena Elfriede Thies. Pesquisas 1982, Antropologia n° 33, 281p.
34. **Petroglifos do Estilo Pisadas no Centro do Rio Grande do Sul.** Pedro Ignácio Schmitz, José Proenza Brochado. **Projeto Médio-Tocantins: Monte do Carmo, GO. Fase Ceramista Pindorama.** Altair Sales Barbosa, Pedro Ignácio Schmitz, Angélica Stobäus, Avelino Fernandes de Miranda. Pesquisas 1982, Antropologia n° 34, 93p.
35. **O Povoamento Tupiguarani no Baixo Ijuí, RS, Brasil.** Jussara Louzada Ferrari, Pesquisas 1983, Antropologia n° 35, 132p.
36. **O Pensamento Mítico dos Nambikwára.** Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1983, Antropologia n° 36, 144p.
37. **El Indio y la Colonización.** Ítala Irene Basile Becker. Pesquisas 1984, Antropologia n° 37, 288p.
38. **Prehistoria del N.E. Argentino, sus Vinculaciones con la República Oriental del Uruguay y sur de Brasil.** Maria Amanda Caggiano. Pesquisas 1984, Antropologia n° 38, 109p.
39. **O pensamento Mítico do Irânxe.** Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1985, Antropologia n° 39, 167p.
40. **Cranimetria Radiográfica em População Pré-Histórica Brasileira; Ecologia e Cultura Material; Estratégias Usadas no Estudo dos Caçadores do Sul do Brasil - Alguns Comentários; Fase Itapiranga: Sítios de Tradição Planáltica; O Material Lítico do Sítio RS-CA-14, Capão Grande, Camaquã, RS.** Pe. João Alfredo Rohr. e outros. Pesquisas 1985, Antropologia n° 40, 144p.
41. **O pensamento Mítico do Paresi - Primeira Parte.** Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1986, Antropologia, n° 41, 441p.
42. **O Pensamento Mítico do Paresi - Segunda Parte -** Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1987, Antropologia, n° 42, 398p.
43. **Paleogenética dos Grupos Pré-Históricos do Litoral Sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina).** Walter Alves Neves. Pesquisas 1988, Antropologia n° 43, 178p.
44. **Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central. Serranópolis I.** Pedro Ignácio Schmitz, Altair S. Barbosa, André L. Jacobus e Maira B. Ribeiro. Pesquisas 1989, Antropologia n° 44, 208p.
45. **Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr. O Sítio Arqueológico da Praia da Tapera: Um Assentamento Itararé e Tupiguarani.** Sérgio Baptista de Silva, Pedro Ignácio Schmitz, Jairo Henrique Rogge, Marco Aurélio Nadal de Masi e André Luiz Jacobus. Pesquisas 1990, Antropologia n° 45, 210p.
46. **História da Arqueologia Brasileira.** Alfredo M. de Souza. Pesquisas 1991, Antropologia n° 46, 157p.
47. **Lideranças Indígenas no Começo das Reduções da Província do Paraguai.** Ítala Irene Basile Becker. Pesquisas 1992, Antropologia n° 47, 197p.
48. **Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr. O Sítio Arqueológico da Armação do Sul.** Pedro Ignácio Schmitz, Marco Aurélio Nadal de Masi, Ivone Verardi, Rodrigo Lavina e André Luis Jacobus. Pesquisas 1993, Antropologia n° 48, 220p.
49. **Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr; O Sítio da Praia das Laranjeiras II. Uma Aldeia de Tradição Ceramista Itararé.** Pedro Ignácio Schmitz, Ivone Verardi, Marco A. Nadal de Masi, Jairo H. Rogge e André L. Jacobus, Pesquisas 1993, Antropologia n° 49, 181p.
50. **O Pensamento Mítico do Rikbaksá.** Adalberto Holanda Pereira. Pesquisas 1994, Antropologia n° 50, 336p.
51. **O Pensamento Mítico Kayabi.** Adalberto H. Pereira. Pesquisas 1995, Antropologia n° 51, 160p.
52. **Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central - Sudoeste da Bahia e Leste de Goiás: O Projeto Serra Geral** Pedro Ignácio Schmitz, Altair Sales Barbosa, Avelino Fernandes de Miranda, Maira Barberi Ribeiro e Mariza de Oliveira Barbosa. Pesquisas 1996, Antropologia n° 52, 198p.
53. **Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr: Laranjeiras I, Pântano do Sul e Cabeçadas.** Pedro Ignácio Schmitz, Ana Luiza Vietti Bitencourt e Ivone Verardi. Pesquisas 1996, Antropologia n° 53, 193p.
54. **Aterros Indígenas no Pantanal do Mato Grosso do Sul.** Pedro Ignácio Schmitz, Jairo H. Rogge, André O. Rosa, Marcus V. Beber. Pesquisas 1998, Antropologia n° 54, 271p.
55. **Içara: um jazigo mortuário no litoral de Santa Catarina.** Pedro Ignácio Schmitz e outros. Pesquisas 1999, Antropologia n° 55, 164p.
56. **Lideranças Kaingang no Brasil Meridional (1808-1889).** Luis Fernando da Silva Laroque. Pesquisas 2000, Antropologia n° 56, 220p.
57. **Pescadores Coletores da Costal Sul do Brasil.** Marco Aurelio Nadal de Masi. Pesquisas 2001, Antropologia n° 57, 136p.